

PERCEPÇÕES SOBRE ANCESTRALIDADE E PRESENÇA INDÍGENA E QUILOMBOLA ENTRE ESTUDANTES DO IFPR – CAMPUS FOZ DO IGUAÇU

Júlia Delfino Costa
Leonir Olderico Colombo
Leticia Mello de Souza Nascimento
Marcia Palharini Pezzini
Gabriel Prata

INTRODUÇÃO: O Campus Foz do Iguaçu do IFPR está num contexto de fronteira, da presença originária do povo Guarani e de dois quilombos. No município, destacam-se a Tekoha Arapy e o Quilombo da Horta de Seu Zé e Dona Laíde, e, em âmbito regional, a Tekoha Ocoy e o Quilombo Apepu, localizados em São Miguel do Iguaçu. Apesar dessa presença, esses povos ainda são frequentemente invisibilizados nos espaços escolares. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo identificar a percepção dos estudantes do ensino médio do IFPR acerca da ancestralidade e da presença indígena e quilombola na região, visando subsidiar a elaboração de materiais didáticos e ações educativas voltadas à valorização da diversidade étnico-racial.

METODOLOGIA: A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e foi realizada por meio da aplicação de um questionário junto aos estudantes sobre o conhecimento da sua própria ancestralidade, da definição e existência de Tekoha e Quilombos na região, se já haviam tido algum tipo de contato com indígenas e quilombolas. A coleta foi realizada no dia 24/04/2026, por uma equipe do NEABI e foi realizada nas salas de aula e em todas as turmas do ensino Médio.

Com os dados colhidos será possível nortear os estudos étnico-raciais que poderão ser desenvolvidos no Campus Foz do Iguaçu, além de subsidiar a produção de materiais didáticos. Nesse sentido, iremos dialogar com mestres e mestras, lideranças e anciãos da Tekoha Arapy e do Quilombo da Horta para realizarmos ações que promovam maior interação entre escola e comunidades tradicionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: O Campus Foz do Iguaçu está localizado numa região de fronteira e Segundo Clovis Brighenti, “as fronteiras nacionais impõem limites a um território que, para os povos indígenas, sempre foi contínuo e articulado por relações sociais e culturais próprias” (BRIGHENTI, 2012, p. 87). Essas fronteiras representam uma imposição que fragmenta, dificultando a circulação e afeta direitos fundamentais dessa população. Ainda assim, os Guarani mantêm práticas de deslocamento e redes de parentesco que desafiam essas barreiras, evidenciando formas próprias de organização territorial e resistência. Nessa fronteira também tem a presença de uma população negra que migraram numa lógica de expansão agrícola provocada com a instituição da Colônia Militar no final do Século XIX.

Como material de apoio, os livros didáticos ultimamente apresentam uma melhora na abordagem dos temas envolvendo a questão indígena e quilombola. No entanto, ainda persistem abordagens que tendem à simplificação e à generalização, frequentemente representados de forma homogênea ou restritos ao passado. Conforme destacam Pereira e Monteiro (2020), o ensino de História no Brasil ainda enfrenta o desafio de superar

práticas que marginalizam as experiências e os saberes de populações indígenas e afro-brasileiras, em especial aquelas que estão próximas do ambiente escolar do educando.

Neste sentido, Nêgo Bispo argumenta que os mestres e mestras das comunidades tradicionais são sujeitos centrais na produção e transmissão dos saberes, que se contrapõe às lógicas do conhecimento ocidental, reafirmando a importância da oralidade, da ancestralidade e da experiência como fundamentos epistemológicos (BISPO, 2019).

Diante de desafios, o NEABI/Foz propôs realizar um levantamento junto às turmas para termos a percepção dos estudantes sobre a presença dessas comunidades tradicionais. Foi desenvolvido um questionário por meio do Google Forms, contendo questões sobre o conhecimento da ancestralidade e da presença indígena e quilombola na região de Foz do Iguaçu.

Foram obtidas 404 respostas, de um total de 594 estudantes do Ensino Médio (68%). Quanto aos conceitos, 67,6% afirmaram não saber o que é tekoha e 32,5% declararam conhecer ou já ter ouvido falar. Em relação a quilombo, 64,6% indicaram algum nível de conhecimento. Sobre a presença local, 89,1% desconhecem a Tekoha Arapy e 81,4% o Quilombo da Horta; em âmbito regional, 23,3% conhecem a Tekoha Ocoy e 16,1% o Quilombo Apepu. Verificou-se ainda que 21,8% dos estudantes dos anos iniciais não reconhecem a existência de comunidades tradicionais na região, percentual que cai para 4,62% nos anos finais. Embora haja redução do desconhecimento ao longo da escolarização, persistem lacunas na compreensão sobre a presença desses povos em Foz do Iguaçu, evidenciando fragilidades na abordagem do tema. Esse cenário aponta para a necessidade de fortalecer ações pedagógicas e institucionais, como projetos interdisciplinares e atividades com comunidades locais, que valorizem os saberes tradicionais. Nesse contexto, o NEABI tem desenvolvido levantamentos e produções sobre os Guarani e os quilombos da região, subsidiando a elaboração de materiais didáticos e audiovisuais. O trabalho busca, assim, estimular a reflexão dos estudantes sobre ancestralidade e memória, promovendo uma compreensão mais crítica da história regional.

Nesse contexto, o NEABI vem realizando levantamentos e produções sobre os Guarani e os quilombos da região, que subsidiarão materiais didáticos e audiovisuais. A partir dessas leituras, levantamento de dados e diálogos, elaboraremos um material audiovisual e didático para ser usado em sala de aula ou em atividades de sensibilização junto às instituições de ensino fundamental e médio.

Por fim, o trabalho busca incentivar a reflexão dos estudantes sobre ancestralidade e memória, promovendo uma compreensão mais crítica da história regional.

Palavras-chave: Educação étnico-racial; territorialidade; comunidades tradicionais;

REFERÊNCIAS:

- BISPO, Antônio. *Colonização, quilombos: modos e significados*. Brasília: INCT/UnB, 2019.
- BRIGHENTI, Clovis Antonio. *O movimento indígena no Brasil: da tutela ao protagonismo (1974–1988)*. Curitiba: CRV, 2012.
- PEREIRA, Amílcar Araujo; MONTEIRO, Ana Maria (org.). *Ensino de História e culturas afro-brasileiras e indígenas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.